

DF 13 SET 1988 JORNAL DO BRASIL

Lago pode estar perto do fim

Pesquisador teme morte do Paranoá, em Brasília

BRASÍLIA — O Lago Paranoá, criado artificialmente na época da construção de Brasília para atenuar a seca da região, está morrendo. A constatação é do limnologista Silas Miranda, coordenador científico do Projeto Paranoá, através do qual alunos e professores do Centro Educacional Objetivo, das Faculdades Objetivo, de Brasília, traçarão o mapeamento e tentarão controlar a poluição do lago. "Hoje o lago é uma fossa, amanhã matará até a vegetação em torno dele", prevê Miranda.

A equipe — que conta com um aerobarco, uma plataforma de pesquisa e dois barcos de apoio — encontrou índices de fósforo e nitrogênio 36 mil vezes acima do normal em locais do lago. O excesso de fósforo e nitrogênio, se não for tratado, dá origem ao fenômeno do *bloom* — super-reprodução de algas —, que acaba por liberar gases como ácido sulfídrico e amônia, causando enorme mau cheiro, como já ocorreu há 10 anos.

O lago está em franco processo de degradação — afirmou o delegado distrital do IBDF (Instituto Brasileiro

de Desenvolvimento Florestal), Jorge Florentino. O diretor-presidente do Centro Objetivo, João Carlos Di Genio, revelou que no último fim-de-semana, ao coletar amostras, encontrou um pescador que lhe disse que "pessoas estão atirando um pozinho no lago que está matando os peixes". Di Genio acredita que o pozinho é sulfato de cobre, veneno para impedir a multiplicação das algas no fundo do lago, e que as pessoas sejam da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb).

O diretor de Tecnologia Ambiental da Caesb, Arides Silva Campos, confirma o uso do sulfato de cobre — "Este ano, uma tonelada nos 40 quilômetros quadrados do lago" —, mas nega que haja exageros que envolvam riscos de vida.

— Para despoluir o lago, as duas estações de tratamento de esgoto estão sendo modificadas e ampliadas — afirmou Campos, que prevê a conclusão das obras para 1990.

Mas há quem ache o sulfato um grande perigo:

— Esse sulfato de cobre é absorvido por quem bebe água do lago — afirma Benjamin Sicsu, que há exatamente um ano era coordenador de Assuntos do Meio Ambiente do Governo do Distrito Federal, e foi demitido pelo governador do Distrito Federal, José Aparecido, quando se de-

nunciou essa forma de despoluição do lago e a malversação de fundos da obra.

— Quem bebe essa água ingere cobre, um metal que se acumula no organismo — explica Benjamin. Para ele, deve-se despejar o esgoto em outro local, "e não jogar lá sulfato de cobre, que é uma solução paliativa".

O aerobarco que trabalha no Projeto Paranoá foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisa e Tecnologia das Faculdades Objetivo, que o batizou de *Pirabebé* (peixe-voador, em tupi-guarani). Embora voador, o *Pirabebé* também atinge as partes mais rasas do lago, no meio de aguapés, para medir índices de poluição.

A velocidade máxima do aerobarco, que leva quatro passageiros e tem potência de 76 cavalos-vapor, é de 64 quilômetros/hora. Equipado com um motor 1.8, igual ao do Santana, o aerobarco é refrigerado a ar, como um Fusquinha ou uma Brasília, o que lhe melhora o desempenho.

O Centro de Pesquisa e Tecnologia construiu o aerobarco graças a um convênio com a indústria Levefort, que cedeu o casco, fabricado em liga de alumínio. Por sua vez, o Centro desenvolveu os demais componentes. Todos os cálculos de estrutura do aerobarco foram feitos por computador.